

Sem rumo na selva

Monique Zepeda

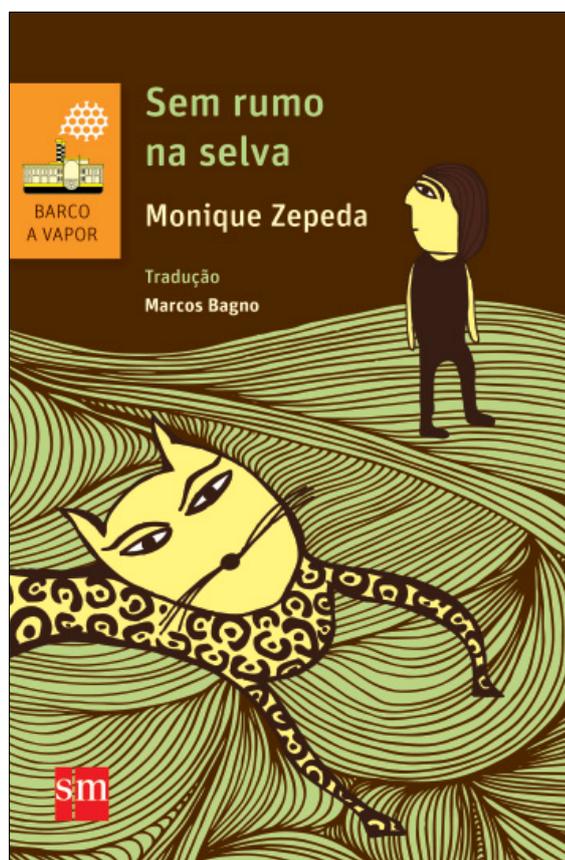
Tradução Marcos Bagno

Temas abordados Adolescência • Relações familiares •

Convivência com a diversidade • Descoberta do amor



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição
Série Laranja
152 páginas

A AUTORA Monique Zepeda nasceu na Cidade do México. É pedagoga formada pela Universidade Nacional Autônoma do México e psicóloga graduada pela Sorbonne (Paris, França). Psicoterapeuta especializada em crianças e adolescentes, capacita professores na promoção da leitura e, no rádio, atua abordando temas da psicologia infantil. Manteve, por sete anos, uma coluna para crianças no *La Reforma* e, por dois, outra no *Diario Monitor*, ambos jornais mexicanos. Autora de livros infantojuvenis, ganhou duas vezes o prêmio El Barco de Vapor. Seu *Tigre callado escribe poesía* foi selecionado em 2008 para o catálogo White Ravens, da Biblioteca Internacional da Juventude, que reúne os melhores títulos do ano.

O LIVRO Filho de pais separados, Nicolás é o típico adolescente de classe média morador de cidade grande. Em férias, planeja permanecer confinado no quarto, porém a mãe o intima a acompanhá-la a uma expedição científica à selva lacandona, no estado mexicano de Chiapas, acampando na mata e percorrendo-a em busca de uma onça-pintada cujos hábitos seriam estudados pela equipe. Resistente, mal-humorado e irritado com o desconforto, Nicolás acaba por se encantar com a rude e arriscada experiência em meio à natureza e torna-se amigo dos

expedicionários. A narrativa, em primeira pessoa, é conduzida pela perseguição à onça, pelas diversas situações em que o personagem observa a relação entre os adultos e a de si mesmo com os outros, e pela vivência da primeira paixão – algo que ridicularizava nos amigos. A tensão vai num crescendo à medida que o encontro com a fera se aproxima e aumenta a expectativa de um segundo encontro com sua namorada. O romance se encerra com um adolescente transformado pela viagem – mais maduro, tolerante e aberto ao amor.

Mergulhando na temática

CIDADE

Embora o romance não esclareça, é possível supor que Nicolás e sua mãe vivam na Cidade do México, a maior do país e uma das mais populosas do mundo: tal como a brasileira São Paulo, sua região metropolitana tem cerca de 20 milhões de habitantes e sofre com problemas idênticos (violência urbana, poluição, trânsito congestionado). No entanto, há diferenças cruciais entre as duas metrópoles: a cidade mexicana, que é a capital do país, surgiu sobre outra preexistente, fundada pelo povo asteca em 1325 com o nome de Tenochtitlán, sede de seu império. Em 1521, porém, os colonizadores espanhóis estabeleceram ali outra cidade, destruindo a antiga e dominando seu povo, cujos descendentes constituem boa parte dos “capitalinos”. Estima-se que havia 250 mil habitantes naquela época.

NATUREZA

Boa oportunidade para discutir o mito romântico do “bom selvagem” (Jean-Jacques Rousseau) e da natureza como repositório da pureza e da inocência, em contraposição à barbárie do mundo dito “civilizado” e à desumanização gerada sobretudo pela cidade grande. Se é certo que precisamos aprender a respeitar o meio ambiente e usar de maneira racional os recursos naturais, é igualmente necessário entender que a existência do ser humano sempre dependeu de sua capacidade de dominar a natureza (desde a caça e a descoberta do fogo) e que, ao longo da história, nenhum século foi mais nocivo ao planeta do que o XX – ou seja, as sociedades humanas ►

INTERPRETANDO O TEXTO

Talvez esquecidos de que foram adolescentes um dia, muitas vezes os adultos consideram essa fase da vida dos filhos mais “problemática” que outras. *Sem rumo na selva* sugere, sem esquecer o que é característico dessa idade, que a dificuldade maior é a de os adultos lidarem com aspectos típicos da adolescência: egocentrismo, intolerância, insegurança, autoafirmação.

As primeiras páginas do romance, em tom irônico, descrevem bem as tensões entre mãe e filho (p. 11-17). O trecho logo capta a simpatia do leitor: qualquer adolescente se reconhecerá nos comentários mordazes de Nicolás, depreciando Zita e demolindo o programa “cabeça” que ela impõe para as férias.

Nesse capítulo e nos dois seguintes (p. 19-30), o garoto revela-se intransigente e arrogante, debochando de toda a equipe, refugiando-se em uma aparente indiferença e externando seu permanente aborrecimento. Ricardo, porém, aproxima-se dele a partir de um interesse comum – Nicolás percebe que o fotógrafo e ele curtem a mesma música – e rapidamente os dois estão juntos procurando uma peça para o carro quebrado (p. 21-23).

Em boa medida, Ricardo desempenha o papel do pai, que abandonou Zita quando Nicolás ainda era criança. A partir daí, aos poucos, o personagem vai se permitindo apreciar a viagem e encarar-la como uma aventura repleta de descobertas. Uma delas é a diferença entre a vida na **cidade**, protegida por inúmeras comodidades, e a na selva, onde a sobrevivência precisa ser providenciada nos mínimos detalhes, com altas doses de solidariedade e disciplina (p. 27-30).

Em seu relato, o garoto não esconde o lado menos glamoroso da **natureza**, como os insetos, o calor e as restrições à higiene pessoal, nem a face dura da **ciência**: para atrair a onça são “plantados” cabritos, que, com seu berro, atraem o animal – o que deixa Nicolás e a mãe chocados (p. 31-38).

Entretanto, a beleza da **selva lacandona** e o contato com a natureza parecem compensar seus incômodos. Ao mesmo tempo, a convivência com pessoas diferentes traz surpresas gratificantes, como os conselhos sentimentais de Ricardo (p. 56-57) e o inesquecível passeio de avião com Pedro Avante, cujo carisma encanta Nicolás (p. 39-47).

A maior descoberta, contudo, é a da paixão, quando conhece Cláudia, filha de um **arqueólogo** em expedição pela floresta:

▶ já produziram e se organizaram de formas ecologicamente menos agressivas. Uma boa leitura para estimular a polêmica é *Como os ricos destroem o planeta*, de Hervé Kempf.

CIÊNCIA

Outra polêmica que o livro estimula é sobre o uso de animais em experiências ou estudos científicos. Embora os cabritos não sejam devorados pela onça-pintada, eles correram esse risco, funcionando como “iscas”. A equipe confia na prática, recomendada pelos guias locais. Nicolás e Zita, porém, mostram-se os únicos chocados com o recurso. De novo, coloca-se a questão do domínio humano sobre a natureza: vacinas e tratamentos hoje largamente usados pelo homem são frutos do sacrifício de muitos animais em testes de laboratório.

SELVA LACANDONA

A selva lacandona está localizada no Parque Natural Montes Azules, no estado de Chiapas, leste do México, na fronteira com a Guatemala. É habitada pelos lacandones, povo da etnia maia. Como o próprio romance denuncia, a área está sujeita a contrabando de palmeiras nativas, vendidas no exterior a preços exorbitantes. O parque, de outro lado, tem sofrido com o desmatamento.

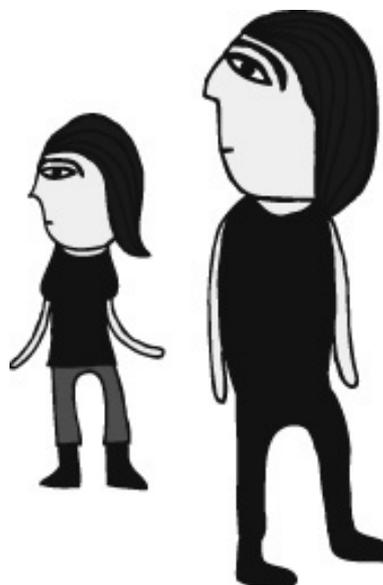
Além de abrigar a selva lacandona, Chiapas ocupou o noticiário do mundo todo em 1º de janeiro de 1994 (quando entrava em vigor o acordo comercial entre México, Estados Unidos e Canadá, o Nafta), data em que se iniciou uma revolta camponesa em defesa dos povos indígenas locais e contra as desigualdades sociais geradas pelo ▶

“Eu perdi o juízo, a fala e a custo me lembrei de fechar a boca” (p. 50). A partir daí a garota torna-se uma doce obsessão e Nicolás vai adquirindo autoconfiança para aproximar-se dela, até chegar ao primeiro beijo (p. 58-61). Essa relação o faz ver a si mesmo e a seu passado “de outra maneira”: “Tem a ver com perdoar meu pai, perdoar Zita por sei lá que coisa, e com algo ainda maior, relacionado ao fato de me sentir bem sendo quem sou” (p. 117).

Outro ponto crucial do romance é quando o garoto descobre que as aparências enganam: Ricardo não é o *hippie* vazio que ele supunha (e que parece enamorado de sua mãe), e o divertido e encantador Pedro Avante, a quem logo devotou leal amizade, revela-se um criminoso envolvido no **tráfico de palmeiras**, capaz até de ameaçá-lo (p. 95-102). C’ayum, o guia nativo da expedição, tampouco é um **indígena** inacessível em sua diferença cultural ou ressentido contra os brancos : em uma bela passagem, Nicolás ganha dele um presente para sua namorada (p. 125-128).

O romance termina com o protagonista transformado, com uma percepção diferente até do próprio espaço (“Meu quarto parece ter encolhido”, p. 143). Ainda é um adolescente típico da classe média urbana, porém não mais egoísta, **alienado**, recluso em um mundo solitário e protegido, só para ele.

O tom confessional e a linguagem coloquial garantem uma leitura agradável, prazerosa, que gera rápida identificação com o leitor. Com capítulos curtos, “resumidos” em longos e bem-humorados títulos narrativos (retomando a tradição barroca das **didascálias**, que se encontra em *Dom Quixote*, por exemplo), *Sem rumo na selva* é a leitura ideal para conquistar o leitor adolescente, mobilizando temas centrais de seu universo.





neoliberalismo em toda a América Latina. O movimento continuou repercutindo mundialmente nos anos seguintes, com vários desdobramentos e características bastante peculiares – seu “subcomandante Marcos”, por exemplo, só aparecia em público usando máscara. Em boa medida, suas ações podem ser comparadas com as do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) brasileiro.

ARQUEÓLOGO

O encontro com um arqueólogo faz todo sentido em *Sem rumo na selva*: o território que hoje constitui o estado de Chiapas foi habitado pelos maias, antes da ocupação espanhola. Sua civilização deixou diversas cidades na região, construídas ao longo dos séculos IV a X. O local ainda está sujeito a novas descobertas e é natural que arqueólogos circulem por ali.

TRAFICANTE

Nos últimos anos, o México tem sido lembrado pelos violentos conflitos envolvendo o tráfico de drogas. No entanto, pouco ou nada se fala do tráfico de raras espécies vegetais e animais ou de objetos arqueológicos, itens nos quais o país é muito rico. As ONGs ambientalistas Defenders of Wildlife e Teyeliz denunciaram, em 2007, que o tráfico de animais colocou em risco de extinção 11 das 22 espécies de periquitos nativos. O México é também rota dos traficantes de animais silvestres – os principais destinos são Estados Unidos, Alemanha, Holanda, Bélgica, França, Inglaterra, Suíça, Grécia, Bulgária, Arábia Saudita e Japão. Ele também se encontra entre os principais fornecedores de borboletas, usadas em quadros



DIALOGANDO COM OS ALUNOS

INDICAÇÕES DE LEITURAS E FILMES

LIVROS

Há uma infinidade de livros e filmes abordando a adolescência e temas correlatos a *Sem rumo na selva* que servem tanto ao professor como ao estudante. Aqui se optou por obras que ampliam as discussões que o romance de Monique Zepeda suscita.

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002. Feito sob encomenda do Instituto Nacional do Livro, o dicionário colige verbetes da cultura popular brasileira.
- HERRDORNE, Wolfgang. *Tchick*. São Paulo: Tordesilhas, 2011. Narrado em primeira pessoa, o romance conta a história de dois problemáticos garotos de catorze anos que atravessam a Alemanha dirigindo um carro roubado.
- JAF, Ivan. *Turbilhão em Macapá*. São Paulo: Edições SM, 2008. É a história de Paula, menina de doze anos que mora na zona sul do Rio de Janeiro e é forçada a passar uma semana em Macapá com o pai, que ela mal conhece.
- KEMPF, Hervé. *Como os ricos destroem o planeta*. São Paulo: Globo, 2010. O autor discute como o consumismo e a globalização afetam o meio ambiente, promovendo o aquecimento global.
- ROSA, Guimarães. “Meu tio, o Iauaretê”. Em: *Estas histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. O livro reúne oito contos do autor de *Grande sertão: veredas e Primeiras histórias*.
- SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1999. Romance em que um garoto de dezesseis anos relata seus conflitos, angústias e descobertas.

FILMES

- *As melhores coisas do mundo* (Brasil, 2010), de Laís Bodanzky. 120 min. 14 anos. Conta a história de um jovem de quinze anos, muito popular entre os colegas, que experimenta as dores de se tornar adulto.

▶ ornamentais e na decoração de tampas de assento sanitário, caixas e brincos, entre outros objetos; embora os insetos se reproduzam com maior rapidez, a atividade é uma ameaça a espécies com pequena população.

INDÍGENA

A questão dos povos indígenas é central em países surgidos da colonização europeia, entre eles o México e o Brasil. O assunto está em pauta continuamente, como se pode notar pela mobilização causada pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, que ameaça terras habitadas por culturas nativas. O filme *Xingu* (2012), de Cao Hamburger, pode subsidiar o professor na abordagem desse tema.

ALIENAÇÃO

A alienação aqui não é a que normalmente se atribui a quem é indiferente à política, mas o alheamento que a cultura de massa alimenta. A mãe de Nicolás tem uma frase lapidar, que explica e resume bem isso: “Só pra ver se entendi: você vive assistindo a filmes de ação, mas, quando lhe dão de presente um pouco de ação, na vida real, prefere continuar na poltrona, diante da tela?” (p. 12). Trata-se de um ponto nevrálgico a tocar, em se tratando do público adolescente contemporâneo: o permanente estímulo à virtualidade, por meio das redes sociais, dos jogos eletrônicos e dos celulares multifuncionais, empobrece o convívio interpessoal e aliena o adolescente das experiências humanas que só são possíveis quando nos expomos pessoalmente ao outro, com nossos defeitos e qualidades.

Outra forma de alienação é permanecer ignorante da própria ▶

- *Buenos Aires 100 km* (Argentina, 2004), de Pablo José Meza. 93 min. 12 anos. Retrata o universo de um grupo de meninos no início da adolescência em uma pequena cidade próxima à capital argentina.
- *Pro dia nascer feliz* (Brasil, 2006), de João Jardim. 88 min. Livre. Segundo o diretor, “um diário da observação da vida do adolescente no Brasil em seis escolas”.

ATIVIDADES DIDÁTICAS

ANTES DA LEITURA

Monique Zepeda nasceu e vive no México, país latino-americano onde o romance é ambientado e que possui vários aspectos em comum com o Brasil (origem colonial, pobreza e violência urbana, concentração de renda, narcotráfico, degradação do meio ambiente). Pesquisar esses aspectos enriquecerá a leitura. A classe pode ser dividida em dois grandes grupos: cada um se encarregará de levantar informações sobre um dos dois países e depois as apresentará à turma. Resumidamente, os estudantes devem descrever as características:

- geográficas (localização, relevo, hidrografia);
- históricas (colonização, independência, modernização);
- populacionais (miscigenação, formação de megalópoles, situação dos povos indígenas);
- sociais (desigualdades, violência urbana e rural);
- econômicas (dependência, crises, crescimento);
- ambientais (degradação e preservação do meio ambiente, catástrofes naturais).

Se, por algum motivo, não for possível contemplar todos esses itens, pode-se eleger apenas um deles para realizar a comparação entre os dois países. A biblioteca da escola é uma fonte segura de informações. Na internet, porém, elas são infinitas. A ajuda dos professores de Geografia e História é bem-vinda.

DURANTE A LEITURA

Os alunos podem ser estimulados a observar os recursos estilísticos empregados pela autora: o tom intimista do narrador, como se conversasse com o leitor, confidenciando-lhe intimidades; as sensações e emoções que ele descreve, como que nos fazendo sentir o que ele sente; os capítulos breves intitulados com frases longas

▶ cultura e história. Os produtos massificados de cultura e entretenimento – *videogames*, filmes, músicas – uniformizam os consumidores de todo o mundo sob a égide da indústria cultural norte-americana. Sem resvalar para a xenofobia nacionalista, é importante enfatizar para o adolescente a importância do conhecimento da tradição cultural na qual nasceu e observar que sua invisibilidade é apenas aparente: a começar pelo idioma, somos diferentes, por mais que as distâncias sejam eliminadas e os comportamentos, estandardizados.

DIDASCÁLIA

A palavra vem do grego, língua em que significa “instrução”, “ensinamento”. Na Grécia antiga, as didascálias eram as determinações dos dramaturgos sobre detalhes da representação teatral: objetos, roupas, cenários etc. Embora viessem escritas, não faziam parte do texto propriamente; eram como que a “bula” da peça. Hoje, elas aparecem impressas em itálico ou entre parêntesis.

Por analogia, ao longo dos séculos, passou-se a chamar de didascálias frases explicativas encimando poemas ou capítulos, como no caso do mencionado *Dom Quixote*. Gregório de Matos, por exemplo, compôs um conjunto de onze estrofes encimado pela seguinte didascália: “A dous irmãos Fulanos da Cruz, que foram presos por furtarem um espadim a um surdo na praia, tendo já furtado umas salvas, que pediram emprestado para tirarem a esmola para N. Senhora da Palma de que foram degredados para Angola”. Mas o recurso continuava vigente cem anos depois, como se vê nas *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga.

e bem-humoradas que em si mesmas formam um texto à parte; os aspectos coloquiais da linguagem. De outro lado, se as angústias típicas da adolescência parecem universais, cabe atentar para as especificidades do contexto mexicano de Nicolás (selva lacandona, culinária local, povos nativos, o tráfico de plantas e drogas).

Uma atividade bastante elucidativa é desenhar o mapa da região onde a selva está: com isso, fica mais clara a localização espacial da aventura narrada e é possível fazer uma comparação com o mapa presente no livro. O primeiro passo é localizar essa região mexicana em um mapa-múndi; em seguida, encontrar um mapa mais detalhado, que contenha a delimitação da área da reserva, no estado de Chiapas, como o que está disponível em: www.explorachiapas.com/mapabig.html. A construção do mapa pelos alunos, porém, deve ser a mais precisa possível, tarefa em que a ajuda do professor de Geografia é fundamental. Por fim, com o mapa pronto, eles o comparam com o do livro: quais as diferenças? As proporções estão iguais? Em um livro como *Sem rumo na selva*, uma representação cartográfica precisa da região é necessária?

Outra atividade é pesquisar a presença da onça-pintada nas culturas latino-americanas. Ela é recorrente em inúmeras lendas tradicionais e na literatura; um exemplo é “Meu tio, o Iauaretê”, de Guimarães Rosa. No entanto, ela ocorre também no artesanato de todo o subcontinente. Uma boa fonte é o *Dicionário do folclore brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo.

O tráfico de espécies animais e vegetais ameaçadas é, além de grave crime ambiental, um problema sério em países com biodiversidade tão exuberante quanto a do México e a do Brasil. É interessante sugerir aos estudantes quais as espécies ameaçadas com maior ocorrência de contrabando nos dois países. Jornais e revistas – ou suas versões na internet – são os mais vastos acervos de dados. É oportuno também convidar algum ambientalista ou dirigente de órgão ambiental para conversar com a turma.

Pode também ser proposta aos alunos uma produção textual que narre:

- o ressurgimento repentino do pai de Nicolás;
- o cerco realizado pelos pesquisadores do ponto de vista da onça;
- a presença da expedição científica na perspectiva dos indígenas da selva lacandona.

DEPOIS DA LEITURA

Cabe discutir os diversos temas abordados pelo romance, já mencionados aqui: a relação familiar (incluindo a ausência voluntária ou não de um dos pais), a insegurança aliada à autoafirmação tão típica da adolescência, a descoberta do amor e do sexo, o reconhecimento e o convívio saudável com a diferença, a fragilidade humana quando exposta à natureza selvagem, a enganosa sedução das aparências. Um exercício interessante é pedir que cada aluno traga uma recordação de alguma viagem que tenha feito e da qual guarde boas lembranças. Sem identificar o proprietário, as peças são expostas à observação de todos. Os alunos falam sobre os objetos que não são seus, inventando uma história para cada um deles, e depois o verdadeiro dono narra sua viagem e a história daquele objeto. Nas duas situações sempre é possível fazer alguma relação com *Sem rumo na selva*.



ELABORAÇÃO DO GUIA JOACI PEREIRA FURTADO, EDITOR, HISTORIADOR E DOUTOR EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREPARAÇÃO DENIS ARAKI. REVISÃO MARCIA MENIN E CARLA MELLO MOREIRA.